

## O DISCURSO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO

Wendel Souza Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** *O presente artigo trata da homossexualidade sob o enfoque discursivo com abordagens sócio-históricas e contemporâneas, cujo objetivo foi investigar qual o funcionamento e sentido sobre a homossexualidade na educação. A pesquisa, de cunho bibliográfico, se fundamenta nos pressupostos teórico-analíticos de Foucault e Louro sobre as questões referentes à sexualidade, entre outros. Ao longo de sua história, a escola brasileira estrutura-se a partir de pressupostos fortemente tributários de um conjunto dinâmico de valores, normas e crenças valorizado pela heteronormatividade e pelos arsenais multifariamente a ela ligados – centrados no adulto, masculino, branco, heterossexual, burguês, física e mentalmente normal. Percebemos que a sexualidade encontra-se, portanto, sujeita ao discurso de uma pedagogia tradicional que se encarrega de reproduzir tipos específicos de comportamentos, valores, hábitos, atitudes pessoais conectados com o tipo de sociedade na qual os indivíduos estão inseridos. É sem dúvida, uma forma de regulação social que tem funcionado no sentido de manter tipos de regulação social que tem funcionado no sentido de manter tipos de espaços de segregação de gênero e sexualidade. Concluímos que os discursos sobre homossexualidade possuem um suporte histórico e institucional, que permite ou proíbe sua realização, e na educação, entendem-se as práticas discursivas como saberes e poderes que visam normatizar, controlar e estabelecer verdades que visam responder às demandas sociais, políticas ou morais.*

**Palavras-chave:** *Discurso. Educação. Homossexualidade.*

### Introdução

Uma importante constatação sobre linguagem, sentidos e funcionamento do discurso na educação é que estes não se tornam vazios. Quando se aborda sexualidade e gênero em sala de aula e não sabemos o que dizer, ficam os conceitos sendo difundidos sem embasamento teórico. Através de nossas experiências educacionais, percebemos o quanto as temáticas que envolvem sexualidade - como, por exemplo, a homossexualidade - são marginalizados, equivocados e destorcidos.

Sendo assim, precisamos estar mais conscientes de que a sexualidade se faz presente em todas as etapas de nosso desenvolvimento como ser humano e na medida em que passamos a refletir sobre ela e a conhecemos melhor, isso nos proporciona acréscimos de autoconfiança e autoestima, melhorando a qualidade de vida e de relacionamento interpessoal. A sexualidade se manifesta diariamente em momentos aparentes e outros não; por isso é necessário falar deste assunto como qualquer outro, apesar de sabermos dos limites e das possibilidades que se encontram no âmbito educacional (MAISTRO, 2006).

E os limites se tornam ainda maiores quando o tema central das discussões é a homossexualidade, que apesar de tantos avanços na educação em se discutir assuntos relacionados à sexualidade de forma mais clara e precisa, ainda é um tema marginal, considerado, por vezes, polêmico e complexo demais para a escola. Além disso, muitos educadores acabam se sentindo inseguros e sem embasamento teórico para discutir tais questões.

---

<sup>1</sup> Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual de Santa Cruz- UESC. E- mail: [wss181@hotmail.com](mailto:wss181@hotmail.com)

Diante disso, delimitamos a nossa proposta de estudo abordando o discurso sobre a homossexualidade na educação. Em uma revisão de literatura, analisamos quais discursos vêm sendo articulados em torno do tema e que tipo de estratégias, efeitos e resistências vêm sendo estabelecidos desde então em relação à temática na educação. As análises se deram através dos pressupostos teórico-analíticos da Análise de Discurso<sup>2</sup>, em consonância com os estudos culturais e sociais dos pesquisadores (as) feministas e teóricos (as) *queer*<sup>3</sup>. Desse modo, a tessitura textual foi fundamentada no entrecruzamento das questões de sexualidade, mais especificamente a homossexualidade, e educação em sua produção teórica de cunho pós-crítico.

Nosso estudo sobre homossexualidade e educação se deu propriamente no terreno do discurso de linha francesa a partir de Michel Foucault. Lendo os primeiros parágrafos de *A ordem do discurso* (1999), o filósofo fixa a perspectiva de que o ponto de partida e alvo da Análise de Discurso é o homem tomando em sua fala, porque é através de homens falando que vemos o discurso agir e o sujeito e o sentido se realizarem. Assim, por toda situação em que há pessoas falando, conversando, debatendo, dialogando, expondo ideias, portanto palavras sendo ditas, oralmente ou por escrito, ou até mesmo por meio de formas não verbais de linguagem- há discurso. Assim, foram analisados os sentidos e funcionamento do discurso sobre a Homossexualidade na educação.

## **O discurso sobre homossexualidade na educação: uma revisão de literatura**

Nessa análise, com sólidas influências de Michel Foucault, Deborah Britzman, Guacira Lopes Louro, Judith Butler, entre outros, passaram a questionar os discursos sobre homossexualidade na educação na tentativa de afastá-los da dicotomia estabilizada pelas relações de poder que acabam reprimindo as condutas sexuais, através de valores, crenças e regras julgadas socialmente como dentro dos padrões de normalidade por meio de discursos biologizantes e de heteronormatividade (a heteronormatividade entende a heterossexualidade como “norma”, como “algo natural” e somente como única forma de viver a sexualidade).

---

<sup>2</sup> A análise de Discurso, como seu próprio nome indica, trata do discurso. É o campo de pesquisa que trabalha a produção de sentidos por meio da linguagem. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento (Orlandi, 2005). O discurso pode ser oral, escrito, pintado, ou seja, tudo aquilo que produz sentido. Uma arquitetura produz discurso, um documento... Tem sempre relação com outros discursos, realizados ou possíveis.

<sup>3</sup> A Teoria *Queer* emergiu nos Estados Unidos em fins da década de 1980, em oposição crítica aos estudos sociológicos sobre minorias sexuais e gênero. Teórica e metodologicamente, os estudos *queer* surgiram do encontro entre uma corrente da Filosofia e dos Estudos Culturais norte-americanos com o pós-estruturalismo francês, que problematizou concepções clássicas de sujeito, identidade, agência e identificação. Central foi o rompimento com a concepção cartesiana (ou iluminista) do sujeito como base de uma ontologia e de uma epistemologia. Ainda que haja variações entre os diversos autores, é possível afirmar que o sujeito no pós-estruturalismo é sempre encarado como provisório, circunstancial e cindido. Teóricos *queer* encontraram nas obras de Michel Foucault e Jacques Derrida conceitos e métodos para uma empreitada teórica mais ambiciosa do que a empreendida até então pelas ciências sociais. De forma geral, as duas obras filosóficas que forneceram suas bases foram *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber* (1976) e *Gramatologia* (1967), ambas publicadas em inglês na segunda metade da década de 1970 (MISKOLCI, 2009, p. 150).

A teoria *queer* permite pensar a ambiguidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero, mas, além disso, também sugere novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação (LOURO, 2004, p.47).

“Debater a oposição entre o dado biológico e a construção cultural/discursiva, é, portanto, atingir em cheio um dos corolários fundamentais de uma temática que consideramos de extrema importância nos estudos em educação” (SOUZA; DINIS, 2010, p. 122).

Sendo assim, Guacira Lopes Louro (1997) se volta especialmente para as práticas cotidianas, rotineiras e comuns. Entende que são precisamente os gestos e as palavras banalizados que devem se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e de desconfiança. A tarefa mais urgente seria desconfiar do que é tomado como "natural". Desta íorma, currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos e processos de avaliação são colocados em questão.

Segundo Louro (2000), conformado na estreita divisão entre mente e corpo, o campo educacional frequentemente rejeita, abafa, desqualifica ou ressignifica os temas relativos à sexualidade. A sexualidade, afirma Foucault (2009), é um “dispositivo histórico”. Em outras palavras, ela é uma invenção social, uma vez que se constitui, historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, que normatizam, que instauram saberes, que produzem “verdades” sobre os corpos, seus desejos e prazeres. Foucault parte do pressuposto de que a fala e o falante remetem ao discurso, concebido como sistema de regras, ou, mais precisamente, de acordo com o pensador francês, como princípios e procedimentos de controle, norma e poder (FOUCAULT, 1999).

Sendo assim, é no contexto do dispositivo da sexualidade que a ideia de homossexualidade é produzida historicamente. Segundo Foucault, “foi por volta de 1870 que os psiquiatras começaram a constituí-la (a homossexualidade) como objeto de análise médica: ponto de partida, certamente, de toda uma série de intervenções e de controles novos” (FOUCAULT, 2009, p. 233). Paralelamente ao crescente interesse do discurso médico sobre a homossexualidade, surgiram também manifestações homossexuais interessadas em expor sua realidade, a verdade a partir do seu ponto de vista. Os homossexuais percebem esta dissecação de seus desejos como um desafio, produzindo como resistência outros discursos sobre si mesmos, principalmente através da literatura. Esta resistência, para Foucault, é essencial para que os movimentos homossexuais se afirmem, mas de outra forma que não aquela institucionalizada pelo dispositivo da sexualidade.

Hoje, tal como antes,

a sexualidade permanece como alvo privilegiado da vigilância e do controle das sociedades. Ampliam-se e diversificam-se suas formas de regulação, multiplicam-se as instâncias e as instituições que se autorizam a ditar-lhe normas (LOURO, 2008, p.21).

Verificamos na literatura sobre o tema, que, ao longo de sua história, a educação brasileira estrutura-se a partir de discursos que reverberam em dizeres cotidianos fortemente tributários de um conjunto dinâmico de valores, normas e crenças responsável por reduzir à figura do “outro” (considerado “estranho”, “inferior”, “pecador”, “doente”, “pervertido”, “criminoso” ou “contagioso”) todos aqueles e aquelas que não se sintonizassem com o único componente valorizado pela heteronormatividade e pelos arsenais multifariamente a ela ligados – centrados no adulto, masculino, branco, heterossexual, burguês, física e mentalmente “normal” (Louro, 2000). “Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número

de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes [...]” (FOUCAULT, 1999, p.9). Assim,

[...] Os sujeitos que, por alguma razão ou circunstância, escapam da norma e promovem uma descontinuidade na sequência sexo/ gênero/sexualidade serão tomados como minoria e serão colocados à margem das preocupações de um currículo ou de uma educação que se pretenda para a maioria. (LOURO, 2000, p.6)

Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristã e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os "outros" sujeitos sociais que se tornarão "marcados", que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. Desta forma, a mulher é representada como "o segundo sexo" e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual (LOURO, 2000, p. 9).

O problema da sexualidade se transforma na descrição de modos de produção de corpos, histórias e identidades a partir das categorias de um discurso social fortemente normativo na educação. Desse modo, Guacira Lopes Louro (1997, 2000, 2003) aborda a sexualidade como construção social e enfatiza as mudanças ocorridas ao longo do tempo, convidando educadoras e educadores para que assumam essas mutações que os confrontam, como mola propulsora para discutir ideias como a de tolerância e aceitação da diferença, com o intuito de refletir sobre os currículos e a prática pedagógica.

Louro (1997, 2011), expressa sua inconformidade e desencanto em relação aos tradicionais arranjos sociais e políticos, às grandes teorias universais, ao vazio formalismo acadêmico, à discriminação, à segregação e ao silenciamento. Há muito tempo a autora vem estudando e trabalhando com essas questões. Ela demonstra consciência de que essas abordagens são muito importantes para quem trabalha no campo da Educação, muito especialmente para professores que lidam, cotidianamente, com crianças e adolescentes.

Nesse contexto, a sexualidade, assim como as identidades sexuais se constrói e reconstrói a partir das vivências e suas relações sociais, políticas, econômicas, históricas e culturais do sujeito com o meio e com o outro. Aprendemos nos livros, na escola, nos meios de comunicação, na grande mídia, nos filmes, revistas, outdoors, jornais... a idealizar algumas características humanas como as representações legítimas e naturais do que seja ser humano, ou seja, um “ideal” padrão este que refere-se geralmente a homens, brancos, europeu, heterossexual e etc. Torna-se compreensível que este modo distorcido de encarar as diferenças tem gerado sérios processos de exclusão no campo educacional. “Conviver com um sistema de leis, de normas e de preceitos jurídicos, religiosos, morais ou educacionais que discriminam sujeitos porque suas práticas amorosas e sexuais não são heterossexuais é, para mim, intolerável” (LOURO, 2007, p. 203).

No bojo dessas discussões,

Estudiosas/os feministas vêm, já há alguns anos, colocando essas questões, ao mesmo tempo que sugerem fórmulas não sexistas de tratamento. No entanto, se em algumas sociedades seus esforços estão sendo acolhidos e incorporados, em outras são ainda menosprezados ou ridicularizados (LOURO, 1997, p.67).

Em crítica, se temos um padrão moderno de escola, também temos padrões de aluno, professor (a) e de formação que esta instituição espera. Acabam lidando com esse ideal como algo dado e esquecem que isso é resultado de uma construção, que como tal pode ser desconstruída (Fonseca, 2011). Essas ideias de “desconstrução e desnaturalização” da sexualidade e gênero tornam-se o véis da reflexão pós- estruturalista *queer*. Para Louro,

Escola, currículos, educadoras e educadores não conseguem se situar fora dessa história. Mostram-se, quase sempre, perplexos, desafiados por questões para as quais pareciam ter, até pouco tempo atrás, respostas seguras e estáveis. Agora as certezas escapam, os modelos mostram-se inúteis, as fórmulas são inoperantes. Mas é impossível estancar as questões (LOURO, 2001, p. 543).

No contexto dessas reflexões, percebemos que muitas pesquisas, equivocadamente, tendem a chamar homossexuais, negros e mulheres de minorias. Isso porque, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistema de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual queremos apoderar” (FOUCAULT, 1999, p.9). “Hoje, as chamadas minorias sexuais estão muito mais visíveis e, conseqüentemente, torna-se mais explícita e acirrada a luta entre elas e os grupos conservadores” (LOURO, 2001, p. 542). Sendo assim, essas chamadas “maiorias silenciosas” se fazem presente na escola, lugar este repleto de multiculturas e diversidade. Isso exige cada vez mais a qualificação dos professores para um olhar plural. Desse modo,

No contexto da sociedade brasileira, ao longo de sua história, foi sendo produzida uma norma a partir do homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão. Essa é nossa identidade referência, a identidade que não precisa ser mencionada porque é suposta, está subentendida. Por isso os “outros”, os sujeitos “diferentes”, os “alternativos” ou os “problemáticos” serão, em princípio, as mulheres, as pessoas não brancas, as não heterossexuais ou não-cristãs. Para perturbar um pouco esta ordem, apenas como um exercício, proponho que experimentemos inverter essas posições e que imaginemos o que aconteceria se quem é representado desse modo subordinado tivesse o direito de falar de si mesmo e por si mesmo. Esses sujeitos deixariam, então, de ser “os outros”. Ninguém é, afinal, essencialmente diferente, ninguém é essencialmente o outro; a diferença é sempre constituída a partir de um dado lugar que se toma como centro e como referência (LOURO, 2011, p. 66).

Louro (1997) esclarece alguns aspectos que acaloram sexualidade. Nesse contexto, há, muitas vezes, embaralhamentos, misturas, confusões. A autora não se refere apenas a indistinções conceituais, como aquelas que alimentam os debates acadêmicos, mas, talvez de modo mais candente, às indistinções do senso comum – como a noção de que é um “sujeito gay não passa, ao fim e ao cabo, de uma mulherzinha” ou a noção de que é “impossível ser feminina e lésbica” –, noções que acabam por se naturalizar de tal modo que se tornam quase imperceptíveis. Essas noções estão muito arraigadas em nossa cultura e lidamos com elas constantemente em nossas escolas (LOURO, 1997), o que acabam por gerar preconceitos e discriminações. Frequentemente observamos homossexuais jovens sendo agredidos verbalmente do tipo: veado; bicha, gayzinho, o que causa o grande constrangimento nesses seres humanos como podemos observar nos depoimentos a seguir:

*“Eu vim aqui porque eu sei que você está fazendo uma pesquisa sobre bullying e eu queria te dizer que eu já não agüento mais. Há muito tempo que eu venho sofrendo com esses alunos que me enchem o saco porque eu sou gay. Eu queria te dizer que se você não fizer nada eu vou à polícia, porque eu sei que homofobia é crime. Desde que eu estava no ensino Fundamental eles me enchem o saco, quase todos os dias, quando eu passo no corredor eles ficam me chamando de bichinha e eu não sou obrigado a agüentar isso.” (Petrus).*

**Fonte: FERRARI, 2011, p. 77.**

*“(…)eu lembro que eu sempre senti atração pelas pessoas do mesmo sexo, há muito tempo. Desde o primeiro orgasmo que eu tive, eu já tinha essa certeza na minha cabeça. Mas é como é... a sociedade recrimina e é uma coisa muito pesada, a gente resolve... é um encargo muito pesado..., a gente resolve tentar mudar de vida, namorar alguém, tentar..., vê que isso pode ser modificado e tudo, até que um dia eu descobri que não tem nada a ver, que isso não é modificado assim de uma hora para outra, que a gente tem que entender a cabeça da gente, a gente tem que se aceitar e ser feliz. Porque é difícil. Na escola, com os amigos, na família, todo mundo fala mal, conta piada, te ofende, você se sente horrível. Se a gente não se aceita e se a gente não gostar da gente mesmo, é difícil. Então, eu resolvi lutar..., não lutar contra isso e aceitar. Na escola, quando me agrediam eu enfrentava. Antes não, antes eu fugia ia pro banheiro, chorava escondido, não queria ir à escola e cheguei até a tentar me matar... foi horrível. Mas agora estou bem. E estou vivendo muito bem, graças a Deus, com isso, levando a vida”. (Daniel)*

**Fonte: FERRARI, 2011, p. 73.**

**Fonte: MENEZES, 2012, p. 49.**

São inúmeras situações de discriminação exorbitante para todos aqueles que não sintonizam o padrão heteronormativo. Nesse contexto, é necessário que no campo da educação falemos de

educação na diversidade, para a diversidade e pela diversidade, pois elas dizem respeito ao aprendizado da convivência social cidadã e democrática, além de possuírem um papel estratégico na promoção da igualdade de oportunidades, na inclusão e na integração social (JUNQUEIRA, 2007, p. 59).

Infelizmente a escola muitas vezes configura-se um lugar de opressão, discriminação e preconceitos, no qual e em torno do qual existe um preocupante quadro de violência a que estão submetidos (as) milhões de jovens e adultos LGBT- muitos dos quais vivem de maneiras distintas, situações delicadas e vulneradoras de internalização da homofobia, negação, auto culpabilização, auto aversão (Menezes, 2012).

Portanto, quando redirecionamos nossos olhares para sexualidade e suas temáticas- o caso da homossexualidade- e educação, deparamos com “teorias pedagógicas, psicológicas, sociológicas e/ou biológicas essencialistas, que acabam por convergir para conclusões reducionistas e normatizadoras sobre os sujeitos do processo educacional” (SOUZA; DINIS, 2010, p. 120). No livro *A Ordem do Discurso*, Foucault (2009) afirma que o discurso sobre sexualidade é exercido de modo privilegiado, em meio aos mais temíveis poderes. Assim, segundo o filósofo, “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar tudo em qualquer circunstância. Temos aí um jogo de interdições que se cruzam, se reforçam” (FOUCAULT, 1999, p.9).

### **Considerações finais**

Portanto, percebemos um conflito que existe entre sexualidade, gênero, corpo e educação. Os estudos pós- estruturalistas frisam a importância da educação para a compreensão sobre corpo, gênero e sexualidade no ambiente educacional na tentativa de desnaturalizar e desnORMATIZAR discursos e posturas sexistas. Partindo dessa realidade e contextualizando os currículos nacionais, percebe-se que sexualidade e suas pluralidades sofrem uma ruptura com seus modos próprios de ser para assimilar uma cultura ideologicamente eleita como superior.

Nesse sentido, de acordo com Teles (1992), a sociedade brasileira vive profundas transformações que não podem ser ignoradas por nenhuma instituição democrática. Cresce no país a percepção da importância da educação como instrumento necessário para enfrentar situações de preconceitos e discriminação e garantir oportunidades efetivas de participação de todos nos diferentes espaços sociais. Sendo assim, de modo especial, as profundas transformações que, nas últimas décadas, vêm afetando múltiplas dimensões da vida de mulheres e de homens e alterando concepções, as temáticas relativas à sexualidade deveriam ser compreendidas com seriedade no campo educacional.

Trabalhar na formação de professores e na educação em todos os níveis de ensino temáticas relativas à sexualidade, torna-se pertinente, pois na vida dos seres humanos, essas relações são experimentadas ou reveladas em expectativas, imaginações, anseios, crenças, posturas, valores, atividades práticas, papéis e convivências. Abrange, além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossos desejos e prazeres, nossa cultura. Trata-se das

dimensões do ser humano que abarca gênero, identidade sexual, orientação sexual, ou seja, subjetividades extremamente plurais.

## Referências

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2.ed. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 83- 112.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo" In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2.ed. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 110- 127.

FERRARI, Anderson. Reflexões Sobre a Homofobia na Escola. In: CASAGRANDE, L. S; CARVALHO, M.G; LUZ, N.S (Orgs.). **Igualdade de gênero**: enfrentando a homofobia. 1. ed. Curitiba: UTFPR, 2011.

FONSECA, Thomaz Spartacus Martins. **Quem é o professor homem dos anos iniciais? Discursos, representações e relações de gênero**. 2011. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do Discurso**. 5. ed. Tradução de Laura F. de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. História da sexualidade In: **A vontade de saber**. 19. ed. Tradução de Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. O reconhecimento da diversidade sexual e a problematização da homofobia no contexto escolar. In: RIBEIRO, P.C. (Org). **Corpo, gênero e sexualidade**: discutindo práticas educativas. Rio Grande: Editora da FURG, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. **Revista brasileira de pesquisa sobre formação docente**. v. 3, n. 2, jan.-jul. 2011. Disponível em: <<http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br/artigo/exibir/9/30/1>>. Acesso em: 07 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>>. Acesso em: 04 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. n. 46. p. 201-218. dez. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982007000200008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982007000200008&script=sci_arttext)>. Acesso em: 15 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós- estruturalista. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2.ed. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

\_\_\_\_\_. **Um Corpo Estranho**: Ensaios Sobre Sexualidade e Teoria Queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 96 p.

\_\_\_\_\_. Teoria Queer - uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**. Ano 9(2), 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf>>. Acesso em: 04 fev. 2015.

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003. 191 p.

MAISTRO, V.I.A. **Projetos de Orientação Sexual nas escolas: seus limites e suas possibilidades**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Centro de Ciências Exatas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

MENEZES, Marcelo Lima de. **Educando para diversidade**: uma questão de direitos. Sergipe: J. Andrade, 2012.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n. 21, jan./jun. 2009, p. 150-182.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.

SOUZA, Leandro Corsico; DINIS, Nilson Fernandes. Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação docente em biologia. **Pro-Posições**, Campinas, v. 21, n. 3 (63), p. 119-134, set./dez. 2010.

TELES, Maria Luíza Silveira. **Educação, a revolução necessária**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.